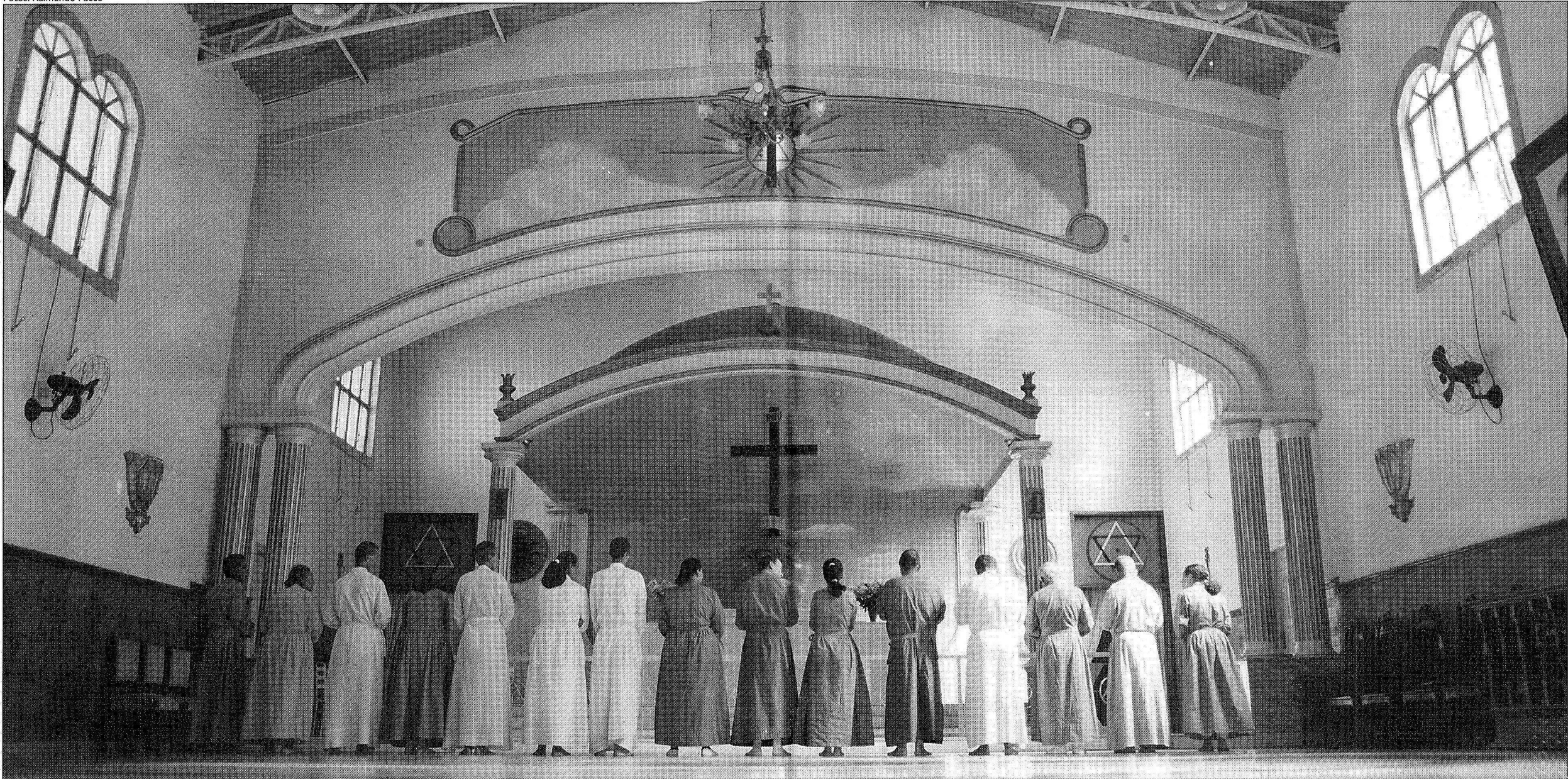


Fotos: Raimundo Paccó



No templo da Cidade Eclética, há lugar para todos. Cristãos, espíritas, protestantes e umbandistas são encontrados na comunidade que recebe três mil visitantes por domingo em busca dos passes espirituais dados pelos sacerdotes

ECLÉTICA, GRAÇAS A DEUS

Marcio Vieira
Da equipe do Correo

Quem pensa que vai encontrar pessoas vestidas de negro, homens sisudos com barbas compridas e completamente isolados do mundo — sem nem mesmo tevê —, como a comunidade americana Amish, vai se decepcionar. Eles vivem na mais completa harmonia, as crianças e adolescentes estudam com professores da própria comunidade, há um hospital onde os moradores são tratados com remédios alo-páticos e fitoterápicos (feitos com plantas medicinais), e as religiões e o direito de ir e vir são respeitados. Essa é a Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, mais conhecida como Cidade Eclética.

Fundada no Rio de Janeiro em 1946 pelo mestre espiritual Yokaanam — um coronel reformado da Força Aérea Brasileira —, a Cidade Eclética foi transferida dez anos depois para um distrito localizado a 15 quilômetros de Santo Antônio do Descoberto (GO). De lá para cá, houve algumas mudanças, mas a essência de viver em comunidade continua a mesma. “A partir de 1956, houve mudanças nos costumes em todo o mundo, mas os nossos princípios básicos continuam os mesmos”, conta a irmã Leonora, que veio na caravana de 300 famílias que Yokaanam liderou do Rio para a nova sede da fraternidade.

O LUGAR ONDE NINGUÉM PRECISA DE DINHEIRO

“Aos 12 anos, ainda no Rio, fui batizada pelo mestre. Casada aos 20 anos e com uma filha de apenas seis meses vim na caravana liderada por Yokaanam. Nunca mais saf”, lembra a irmã. Segundo Leonora, foram usados todos os meios de transporte, exceto avião, para chegar ao local.

À primeira vista, parece uma cidade comum do interior, mas as semelhanças terminam quando o irmão Myron, procurador-geral da cidade, começa a contar como o local é administrado. Não há bancos na cidade porque ninguém precisa de dinheiro para viver. Todos trabalham em comunidade. As atividades vão desde o trabalho na redação do pequeno jornal da cidade até a agricultura, passando pela comercialização de artesanato.

“Antes, toda a alimentação dos moradores (são 800 pessoas) era preparada pelas mulheres em uma cozinha comunitária. Mas, há seis anos,

começamos a distribuir os alimentos diretamente para as famílias e a vender a produção que sobrava. Com as vendas, compramos os alimentos que não produzimos para também distribuir aos moradores. É mais viável”, argumenta o irmão Myron, mostrando que algumas práticas do capitalismo podem ser empregadas até em uma cidade que não tem sequer um banco e absolutamente nenhum dinheiro em circulação. A moeda corrente da comunidade ainda é o trabalho.

BUROCRACIA SÓ NA HORA DE NAMORAR

Os produtos perecíveis, como o peixe, são distribuídos diariamente e os não-perecíveis, como feijão, arroz e milho, semanalmente. O dia da distribuição é anunciado por meio de um alto-falante instalado no teto da redação do jornal quem tem a forma de uma nave espacial.

As crianças vão uniformizadas para as salas de aula e têm aulas com um currículo normal. Mas a complementação das aulas é que chama a atenção. O aprimoramento prático nunca é deixado de lado. “Os meninos freqüentam a marcenaria, a escola agrícola, tem aulas na gráfica do jornal (Clarim e o Jornal Eclético) e as meninas aprendem práticas de artesanato e técnicas de ensinamentos para dar aulas às crianças da comunidade no futuro”, explica o irmão Myron.

Ao contrário de outras cidades onde facilmente encontram-se crianças perambulando pelas ruas, na Cidade Eclética elas são prioridade. Na rua principal e nas pequenas ruas de terra batida elas passam uniformizadas todo o tempo. Ou estão indo para a escola ou então para uma aula prática. Na creche, o tratamento dispensado é o mesmo. Uma olhada no parquinho da creche mostra pela face dos pequenos que tudo vai bem.

Se na Cidade Eclética não há burocracia em nenhum setor administrativo, o mesmo não acontece nas relações pessoais. Nesse ponto, parece que a cidade parou no tempo. Contudo, não deixa de ter peculiaridades que transformam em fato natural o que poderia ser chamado de retrógrado em outras comunidades. Lá, para namorar é preciso pedir por escrito aos pais da pretendente. O casal ainda passa pelo crivo dos membros da prefeitura. “Os casamentos são feitos pelos sacerdotes ecléticos”, complementa o irmão Myron.



Crianças são prioridade na comunidade. Lá, elas têm aulas teóricas e práticas de artesanato, agricultura e marcenaria

BIOGRAFIA

AS LIÇÕES QUE O MESTRE DEIXOU

Ex-piloto de um presidente da República e coronel reformado da Força Aérea Brasileira (FAB), mestre Yokaanam, abandonou tudo em 1946 e se recolheu em um velho casarão da avenida Presidente Vargas, no centro do Rio — hoje repleto de prédios. Tinha como proposta reunir as religiões para unificar os princípios éticos e oferecer um código moral cristão único. Fundou a Fraternidade Eclética Espiritualista Universal. “Ele buscou o que havia de melhor em cada religião”, conta o irmão Myron.

Quem percorrer as ruas da cidade e conversar com os moradores percebe que, mesmo passados 13 anos da morte de Yokaanam, as lições do mestre permanecem. Seja no “bom

dia” que todo morador oferece aos visitantes.

Mestre Yokaanam conseguiu a mais importante de suas metas quando deixou o Rio em 1956 e trouxe em caravana 300 famílias para uma terra desconhecida. Construiu uma cidade onde os moradores podem esquecer os valores materiais e desenvolver a espiritualidade. Até hoje essa cidade recebe, em média, três mil pessoas aos domingos em busca dos passes espirituais dados pelos sacerdotes. (MV)

MULHERES USAM SAIAS E CABELOS COMPRIDOS

Além de ter papéis específicos nas tarefas, as mulheres da Cidade Eclética não podem ousar muito quando o assunto é moda. Lá, elas mantêm a tradição de só usar saias e cabelos compridos. “O mestre Yokaanam defendia que as mulheres deviam vestir-se como mulheres”, sentencia a irmã Leonora.

Para os jovens, é mais difícil aceitar as regras. A filha de Leonora, que chegou aos seis meses de idade à Cidade Eclética, voltou aos 18 anos para o Rio. “Mas até hoje ela (a filha) e sua família freqüentam a casa da fraternidade no Rio”, garante Leonora, mostrando que os ensinamentos adquiridos na comunidade não se perderam.

Alguns homens ainda cultivam barbas, apesar de não ser obrigatório. “Era uma forma que o mestre Yokaanam tinha de homenagear os nazarenos”, comenta o procurador-geral da cidade, irmão Myron.

A história de irmão Myron, assim como de outros integrantes da comunidade, é curiosa. Formado em Economia, ele decidiu deixar Porto Alegre em 1988. “Buscava algo mais. Uma voz interna me dizia para mudar”, diz ele, repetindo uma frase comum entre a maioria dos moradores. Segundo ele, uma das principais razões pelas quais as pessoas procuram a Cidade Eclética é porque desejam despojar-se dos bens materiais e cuidar do espírito.

MISTURA DE RELIGIÕES PARA CUIDAR DO ESPÍRITO

Quem procura a Cidade Eclética passa por uma espécie de teste para ser aceito. O irmão Myron, por exemplo, trabalhou como peão de obra por seis meses. “A triagem é natural. O próprio aspirante a entrar para a cidade mostra o que realmente quer nos primeiros meses”, explica.

Outro caso interessante é da irmã Télvia, ex-modista fluminense que em 1990 deixou Niterói para ingressar na comunidade. “Toda minha família já fazia parte da fraternidade. Sabia que um dia soaria um gongo e eu viria”, comenta. Hoje, ela trabalha com o seu marido no laboratório de Fitoterapia da comunidade.

O que atrai muitos para a Cidade Eclética é o respeito com que as religiões são aceitas. “Aqui, misturamos o Cristianismo, a Umbanda branca, o Protestantismo, o Espiritismo e o Positivismo”, explica o irmão Myron, resumindo a filosofia da fraternidade. “Trabalhamos aqui as diferenças, buscamos o aperfeiçoamento, enquanto lá fora essas diferenças são potencializadas.”

Além da sede da Cidade Eclética em Brasília, há mais 15 casas no Brasil e duas no exterior — Buenos Aires e Assunção. “Isso aqui é uma escola de vida”, sentencia irmão Myron. (MV)